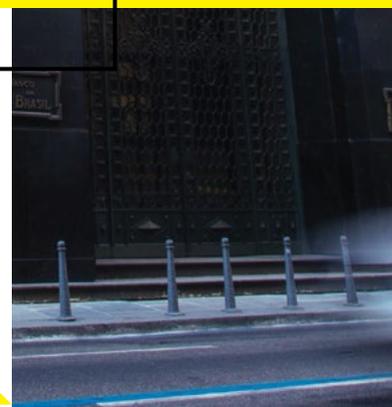


Ministério do Turismo e Banco do Brasil apresentam
BB DTVM apresenta e patrocina

Patrimônio & Memória: Rio de Janeiro

CONVITE À ATIVAÇÃO / DIGITAL / JANEIRO DE 2022

CCBB EDUCATIVO – ARTE & EDUCAÇÃO / JACA.CENTER





VISTA DA PRAÇA DA LIBERDADE COM CCBB E EDIFÍCIO NIEMEYER AO FUNDO / THAMIRES MARTINS

Centro Cultural Banco do Brasil

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) foi criado pelo Banco do Brasil com a intenção de fomentar a produção artística e o acesso à cultura e às artes. Possui unidades em quatro capitais do país: Rio de Janeiro (1989), Brasília (2000), São Paulo (2001) e Belo Horizonte (2013).

O Banco do Brasil incentiva e patrocina projetos nas áreas de artes visuais, dança, cinema, teatro, música e ideias. Os eventos são gratuitos ou a preços populares, para que o maior número de pessoas tenha a oportunidade de viver uma experiência cultural de qualidade.

Programa CCBB Educativo – Arte & Educação

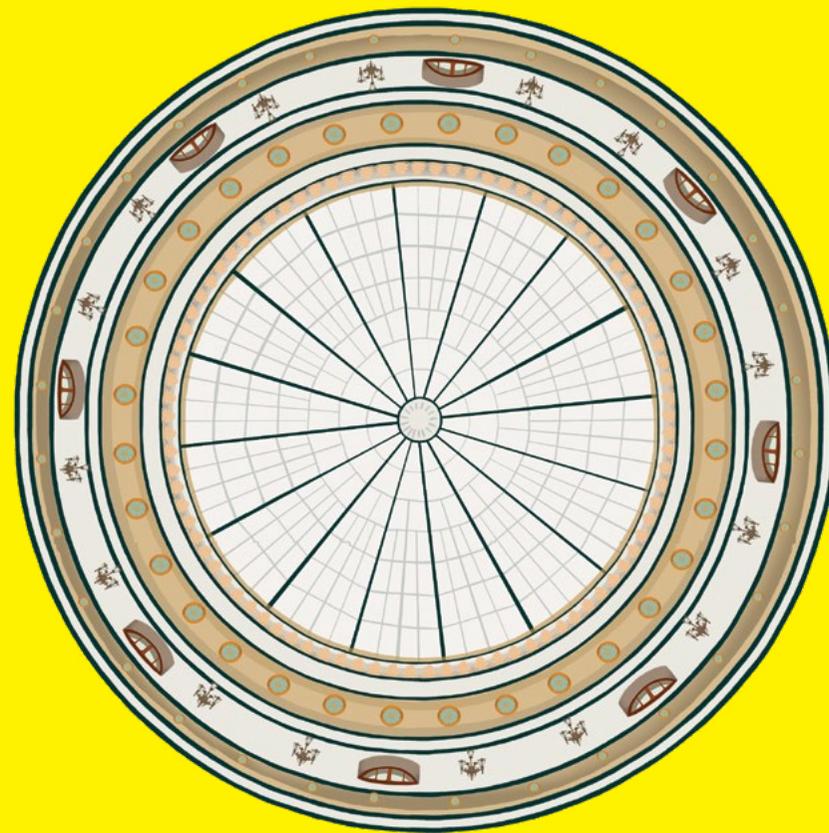
Também fazem parte da programação gratuita do Centro Cultural Banco do Brasil as atividades do CCBB Educativo. Elas dialogam com a programação do CCBB e destinam-se a todos os públicos, com ações inclusivas e afirmativas para estreitar as relações com a comunidade escolar, os educadores, as pessoas com deficiência, as famílias, as organizações não governamentais, os movimentos sociais, os profissionais dos campos da arte, cultura e os interessados.

Patrimônio & Memória

Nesta série de convites à ativação, você encontra pesquisas desenvolvidas pelo Programa CCBB Educativo sobre múltiplos conteúdos relacionados à memória e ao patrimônio cultural de cada uma das unidades do CCBB, considerando as suas relações com as cidades em que estão localizadas.

Saiba mais sobre o projeto:

patrimonioememoria.ccbbeducativo.com



O CCBB no Rio de Janeiro

Pra que serve uma rua?

A cidade do Rio de Janeiro é considerada uma das mais bonitas do mundo. O reconhecimento de sua importância é tamanho que em 2016 a cidade se tornou a primeira paisagem cultural urbana declarada pela Unesco como Patrimônio Mundial.

Suas ruas ensolaradas são tão vivas quanto a sua paisagem natural, formada por praias, florestas e morros. Escritores já disseram que as ruas cariocas batucam, trabalham, cantam, conversam e pensam, inclusive, sobre para que servem as ruas.

Fundada em 1565, a capital carioca é uma das cidades mais antigas do Brasil. Por isso, seu patrimônio cultural conta não só a história da cidade, como também parte da história do país, já que o Rio foi a capital do Brasil entre 1763 e 1960.

Naquele tempo, a cidade se restringia ao que é hoje o Centro, bairro onde atualmente convivem arranha-céus futuristas e construções centenárias. Nesse bairro antigo, existe uma rua igualmente antiga: a Primeiro de Março.

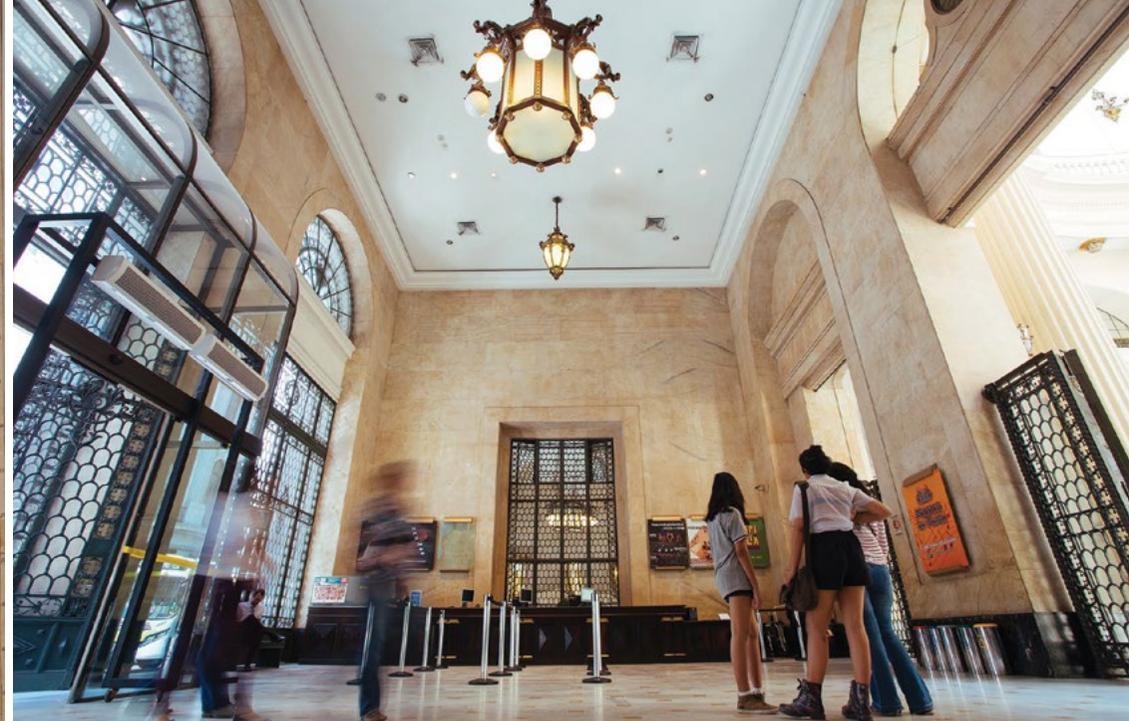
Inicialmente, ela foi chamada de rua Direita e era o principal acesso dos moradores da cidade ao porto da Baía de Guanabara, aonde até 1774 chegavam negros raptados na África para serem escravizados. Durante muito tempo, metais e minerais preciosos extraídos aqui embarcavam nesse mesmo porto com destino a Portugal.

Em 1875, a rua foi rebatizada como Primeiro de Março para lembrar a data final de um importante conflito territorial do qual o Brasil tomou parte: a Guerra do Paraguai. Por coincidência, o dia primeiro de março também marca a data de fundação da cidade do Rio de Janeiro.

Se você fosse dar um nome para a principal rua da sua cidade, que nome daria?



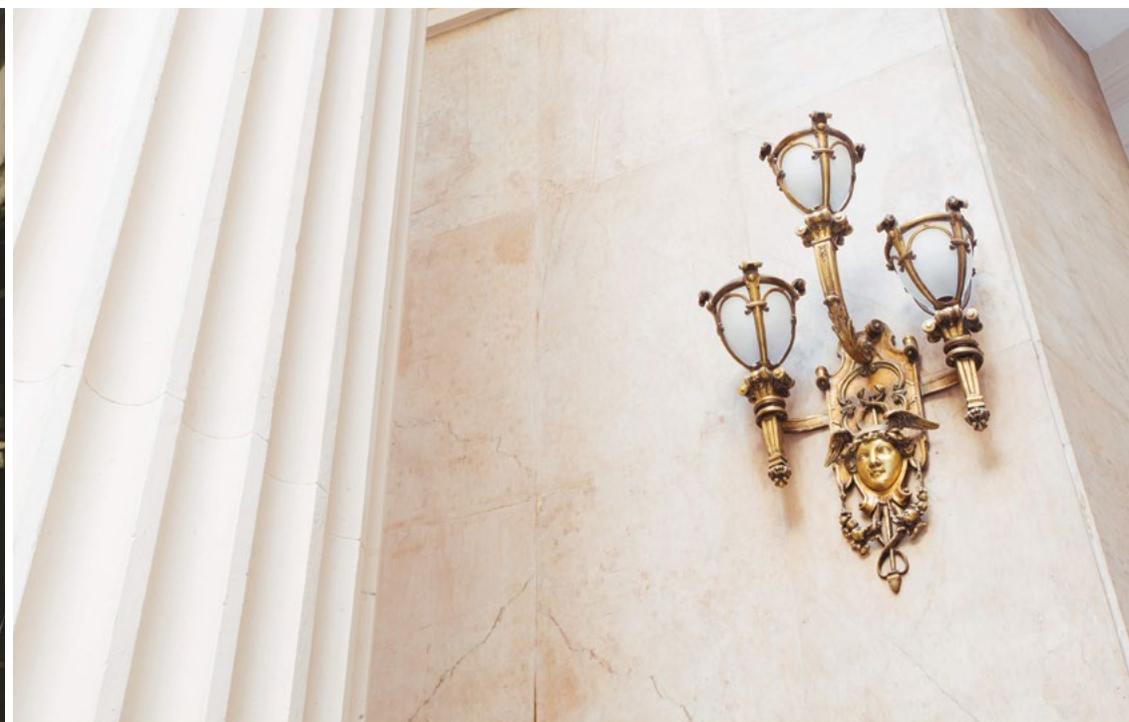
PLANTA DO RIO DE JANEIRO E SEUS SUBÚRBIOS, SÉC XIX / ACERVO DO ARQUIVO NACIONAL



BILHETERIA DO CCBB RIO DE JANEIRO / RAFAEL PEREIRA



RUA PRIMEIRO DE MARÇO, C. 1910 / FOTÓGRAFO NÃO IDENTIFICADO, IMS



LUMINÁRIA COM REFERÊNCIA A HERMES / DIVULGAÇÃO CCBB

Rua Primeiro de Março, N°66

No número 66 desta antiga rua, encontra-se o prédio onde hoje funciona o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Inaugurado em 1906 para sediar a Associação Comercial do Rio de Janeiro, o edifício foi projetado pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, próximo ao terreno onde ficava a Casa dos Contos do Rio de Janeiro – sede do banco entre 1815 e 1829.

A palavra ‘contos’, aqui, não tem a ver com histórias, fadas ou livros, mas está ligada à ideia de contar moedas, já que essa instituição era responsável por fiscalizar e contabilizar o pagamento dos altos impostos cobrados no Brasil Colonial para serem enviados a Portugal.

Ao longo do tempo, o prédio teve diversos usos, sempre ligados a atividades financeiras e comerciais. Em 1926, foi finalmente inaugurado como Agência Rio de Janeiro Centro e a quarta sede do Banco do Brasil, dando início ao mais longo capítulo de sua história. Na arquitetura do edifício, ainda hoje podemos encontrar alguns elementos relacionados aos ‘rios de dinheiro’ que por ali correram. .

O Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro

Na entrada do prédio, logo se avista a rotunda: uma construção circular coberta por uma grande cúpula de vidro por onde entra luz natural. No entorno da rotunda, vemos luminárias douradas decoradas com o rosto da divindade grega Hermes, conhecida pelos romanos como Mercúrio, o representante das atividades comerciais.

Como era moda no início do século XX, o prédio combina diferentes estilos arquitetônicos de tempos passados. Ecletismo é nome que se dá a essa mistura que é mais ou menos como curtir funk, música clássica, tango e rock’n roll.

A rotunda e as colunas, por exemplo, são do neoclássico, um estilo arquitetônico inspirado na arquitetura greco-romana. As grades de ferro das janelas, em forma de folhas e flores, são típicas do estilo art nouveau, com formas inspiradas na natureza. Já nos elevadores e nas portas de entrada, vemos elementos do estilo art déco, associado ao uso de formas geométricas. Ambos os estilos traduzem a influência da cultura francesa sobre as elites da cidade durante o período histórico em que o prédio foi construído.

Apesar de esses elementos estarem ligados a estilos tão diferentes, eles possuem algo em comum: todos fazem parte de tradições estéticas europeias. Isso porque, quando o Brasil deixou de ser colônia de Portugal, a elite intelectual e econômica brasileira queria parecer avançada e pensava que, para isso, melhor seria imitar a cultura europeia.

E você? Se considera uma criança de gosto eclético?



CÚPULA DE VIDRO DO CCBB RIO DE JANEIRO/ RAFAEL PEREIRA

Um novo uso para o antigo prédio

Em 1989, embalado por um importante movimento de ocupação cultural do centro da cidade, o edifício foi transformado em um centro cultural e passou a receber cariocas, além de turistas do Brasil e do mundo, que chegam ali em busca das diversas atividades de sua programação: teatro, dança, cinema, música, biblioteca, arquivo histórico, ações educativas, exposições temporárias e de longa duração.

Os andares superiores, por exemplo, guardam hoje um tesouro patrimonial que conta a história do Banco do Brasil e das trocas de moeda ao longo do tempo. Lá encontramos a Peça da Coroação, uma moeda comemorativa da coroação de D. Pedro I (1822), capaz de deixar boquiaberto qualquer especialista em coleções numismáticas.

Numismática, aliás, é a ciência que estuda o papel-moeda, as medalhas ou simplesmente moedas, desde o seu surgimento até os dias de hoje. A partir desse estudo, é possível

conhecer a história das escritas, dos algarismos, da fauna, da flora, das religiões, das artes, das guerras, dos esportes, da astronomia, e muito mais, já que esses elementos estão presentes nas cédulas e moedas de diversos períodos da história e em diversos lugares do mundo.

É certo que com uma Peça da Coroação em mãos, uma criança dos dias de hoje não poderia comprar nem uma bala sequer. Séculos depois, essa moeda já perdeu o seu valor de mercado, mas, por sua raridade, continua valiosíssima entre os colecionadores.

Você consegue pensar em coisas que são valiosas para você por serem raras?

E pode imaginar coisas valiosas que não são raras?



GABINETE DE CURIOSIDADES / ROGÉRIO VON KRUGER

PEÇA DA COROAÇÃO / JÉSSICA PARÍSIO



EXPOSIÇÃO GALERIA DE VALORES / RAFAEL PEREIRA

CONVITE À ATIVAÇÃO – PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: RIO DE JANEIRO

Ouro, bala, sal e outras riquezas

Além de contar as sucessivas trocas de moedas brasileiras, dos réis até o real de hoje em dia, a coleção também possui moedas estrangeiras e objetos que serviam, ou ainda servem, como moedas de troca.

Antes do surgimento do dinheiro, era comum a troca de produtos. Por exemplo, se João era produtor de carnes, podia propor à Maria trocar um leitão por alguns quilos de açúcar.

Porém se engana quem pensa que a prática de trocar objetos ficou para trás. Chamada de escambo, ela permanece em algumas culturas e até mesmo nos pátios das escolas, onde as crianças trocam figurinhas, papéis de carta, parte da merenda, e todo tipo de objetos que possuem, ali, um valor muito diferente do estabelecido no mundo dos adultos.

Ao longo da história, diversos objetos foram utilizados como objetos de troca: carne e pele de animais, joias, algodão, frutas raras e até mesmo sal. Aliás, por sua capacidade de temperar e conservar a comida, esse pozinho branco foi utilizado como pagamento pelo trabalho dos soldados na Roma Antiga. Vem daí a palavra ‘salário’.

Nos dias de hoje, cada vez mais o dinheiro físico vem sendo substituído por transações virtuais, como transferências bancárias ou Pix.

O valor dos livros e da memória

E nem só com a história das riquezas monetárias conta o acervo do CCBB. No quinto andar do edifício, está a primeira biblioteca do Banco do Brasil, fundada em 1931. Com mais de 156 mil obras, 42 mil periódicos e oito mil peças audiovisuais, é referência nacional em artes, filosofia e ciências humanas.

O edifício também guarda uma Biblioteca Infantojuvenil, onde é possível entrar em um livro! Não estamos falando de imaginar histórias, mas de entrar no livro com o corpo inteiro, atravessando uma porta giratória com a forma de páginas. Do outro lado, crianças e adolescentes encontram um acervo com cerca de quatro mil livros.

No sexto andar, encontramos ainda o Memória CCBB, com registros audiovisuais de palestras, atividades educativas e espetáculos teatrais realizados no próprio centro cultural, e o Arquivo Histórico do Banco do Brasil, com fotografias antigas, plantas arquitetônicas e documentos que ilustram diferentes momentos da história do edifício.

Que fotografias, lugares e documentos escolheria para contar a sua história?

O centro da cidade e o CCBB hoje

Todas essas transformações podem ser notadas não apenas no prédio do CCBB, mas também no seu entorno. Talvez você nem lembre, mas existia na região um antigo elevado chamado Perimetral, por onde iam e vinham inúmeros carros diariamente. Esse elevado foi substituído pela Orla Prefeito Luiz Paulo Conde, conhecida como Boulevard Olímpico, um calçadão de 3,5 km que favorece a circulação de pedestres na região, dando acesso a diversos outros espaços como o Museu Histórico Nacional, o Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio (MAR).

Com isso, a região central deixou de ser apenas um espaço de circulação de trabalhadores e mercadorias para se tornar também um ponto de encontro. No atual Corredor Cultural da Praça XV, hoje convivem rodas de samba e prédios construídos aos moldes europeus de séculos atrás, cariocas e turistas, adultos e crianças.

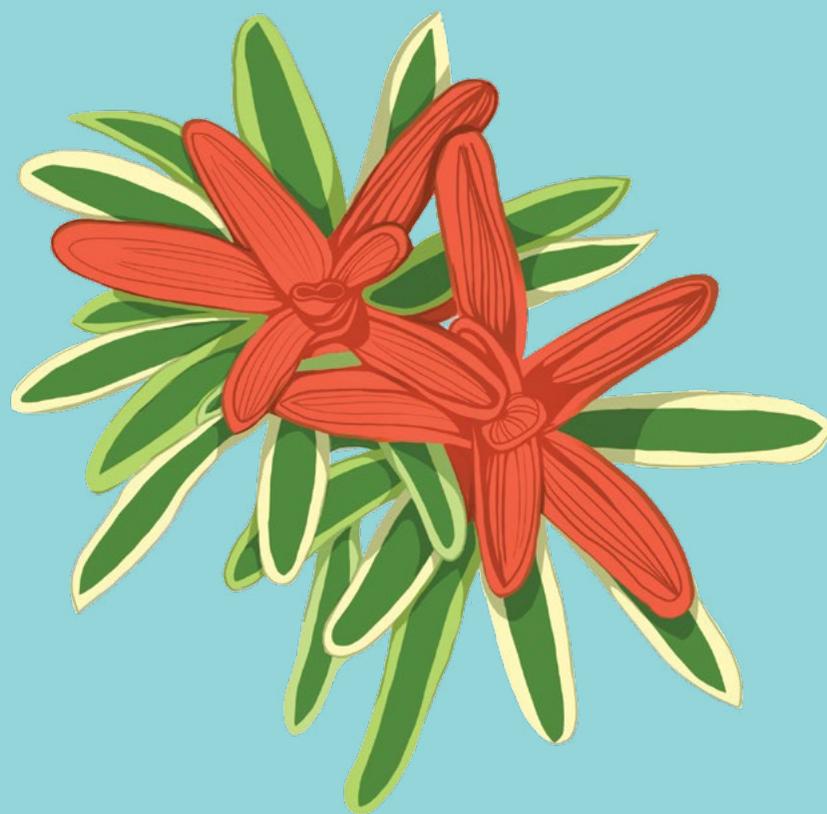
Além do CCBB do Rio de Janeiro, existem Centros Culturais Banco do Brasil em outras três cidades: Belo Horizonte, Brasília e São Paulo. Todos eles funcionam em edifícios de grande valor patrimonial, atualmente ocupados por espaços como galerias de exposições de arte, teatros, ateliês e arquivos. O CCBB também apoia e realiza produções artísticas, promove a circulação dessas produções e oferece uma ampla programação virtual no site ccbb.com.br.

Agora que você já conhece melhor o prédio, a história e o funcionamento do CCBB Rio de Janeiro, que tal apresentá-lo a alguém que ainda não o conhece?

Quem você convidaria para uma visita ao CCBB?



ATIVIDADES DO PROGRAMA CCB E EDUCATIVO - ARTE & EDUCAÇÃO / ACERVO JA.CA - CENTRO DE ARTE E TECNOLOGIA



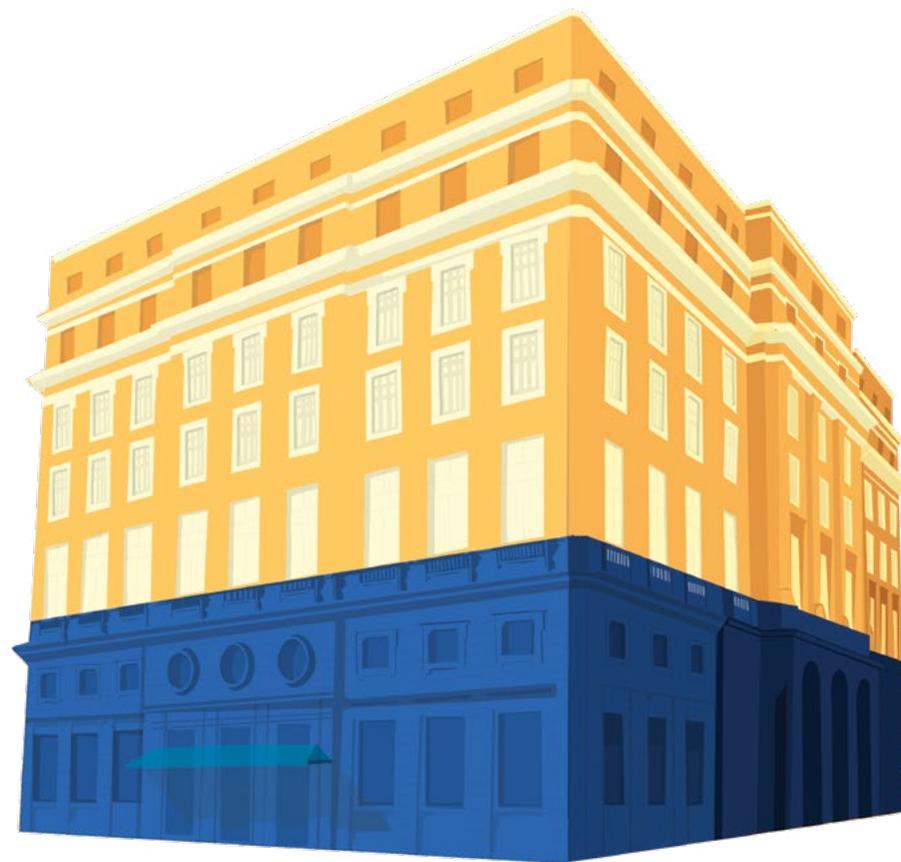
O patrimônio do Rio de Janeiro

O CCBB

e o patrimônio do Rio de Janeiro

O CCBB faz parte do patrimônio cultural do Rio de Janeiro porque ele é fruto do trabalho de pessoas que projetaram e construíram o prédio, inscrevendo nele valores estéticos e um ideal de cidade e de sociedade. Também participaram desse processo as pessoas que pensaram e ainda pensam sobre os diferentes usos do prédio ao longo do tempo.

Além do CCBB, existem muitos outros bens na cidade do Rio de Janeiro: materiais, imateriais, culturais ou naturais. Vários são tombados e muitos outros ainda serão. Neste livreto, apresentamos alguns desses bens que nos ajudam a pensar sobre quem somos. O primeiro deles fica bem perto do CCBB...



História em movimento:

Praça XV de Novembro

Sabe o burburinho que surge na sala de aula quando a diretora vai entrar? Esse era o sentimento da população do Rio de Janeiro em 1808, quando a família real portuguesa chegou à cidade. Rei, rainha, príncipes e princesas saíram de Portugal às pressas, fugindo de uma invasão francesa capitaneada por Napoleão Bonaparte. A viagem durou cerca de dois meses, até a família aportar no litoral carioca e instalar-se no Largo do Carmo, atual Praça XV.

Antes da chegada da família real, o Largo do Carmo já era um lugar importante para a cidade: ali ficava a Casa dos Governadores, onde residiam os representantes de Portugal no Rio de Janeiro. Tendo um de seus lados banhados pelo mar, o Largo era também fundamental para o comércio colonial – no século XVIII, se tornou o porto mais importante do país.

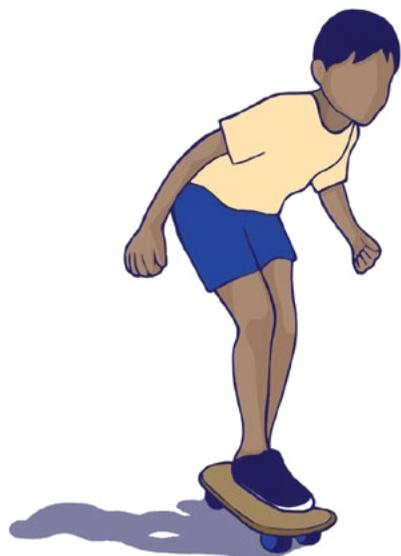
Com a chegada da Coroa, a Casa dos Governadores se tornou o Paço Real, moradia de Dom João VI, Dom Pedro I e Dom Pedro II, sendo que este último mudou o nome do Largo do Carmo para Largo do Paço. Posteriormente, o nome foi substituído por Praça XV, em referência à Proclamação da República no dia 15 de novembro de 1889, quando teve fim o período monárquico.

Ainda hoje é possível encontrar na praça algumas construções que remetem ao seu passado, como o Paço Imperial, que se transformou em um centro cultural, e o histórico Convento do Carmo, antiga moradia de uma comunidade religiosa que em 1808 foi confiscada pela Coroa portuguesa para uso próprio. Atualmente, o edifício pertence ao Estado do Rio de Janeiro.

Hoje em dia, a praça é um dos pontos mais importantes da cidade para a prática de skate. Em 1999, a atividade foi proibida nos parques e praças da cidade, mas em 2011 os skatistas do movimento “I Love XV” (Eu Amo XV) conseguiram a liberação do local para essa prática.

Além de seus monumentos e construções, também as mudanças de nome da praça contam vários episódios da história do Brasil e da cidade do Rio de Janeiro. Por conta disso, a Praça XV e seu entorno foram tombados pelo IPHAN.

Se você pudesse mudar o nome de uma praça ou rua da sua cidade, que nome você mudaria?



Memórias de resistência: *o Monumento a Zumbi dos Palmares*

Como você já deve saber, o patrimônio de uma cidade é aquilo que fica guardado para contar a nossa história. Mas quem será que escolhe o que será preservado em uma cidade? Por muito tempo, essa seleção foi feita unicamente de acordo com o pensamento dos governantes, das autoridades e da população mais rica e influente. E o resultado é que a história da maioria das cidades vinha sendo contada apenas do ponto de vista desse grupo, deixando de fora boa parte da população.

Sabendo desse problema, em 1986, um antropólogo chamado Darcy Ribeiro, que era também vice-governador do Rio de Janeiro naquela época, decidiu homenagear com uma estátua um importante líder da resistência negra, Zumbi dos Palmares. A ideia era construir um monumento próximo à antiga Praça Onze, lugar reconhecidamente importante para a cultura negra, considerado o berço do samba.

Zumbi nasceu no Quilombo dos Palmares, uma comunidade localizada no estado de Alagoas, organizada por negros e negras que conseguiram fugir de seus senhores brancos. Com o passar dos anos, Zumbi se tornou líder do movimento de resistência contra a escravidão, tornando-se alvo de diversos ataques dos colonizadores. Depois de muitas lutas, ele foi capturado, morto, e sua cabeça foi exibida em praça pública para servir de exemplo. Séculos depois, a construção de um busto de Zumbi em uma praça é uma forma de dar um novo sentido àquele episódio.

A iniciativa, porém, enfrentou um problema: não se conhecia nenhum registro da fisionomia de Zumbi, já que, no século XVII, não existiam máquinas fotográficas e apenas os ricos podiam encomendar seus retratos a pintores. Para resolver a questão, foi usada como molde a fisionomia de um antigo rei africano gravada em uma estatueta nigeriana que atualmente se encontra no Museu Britânico.

Séculos depois, percebemos que a punição pública dos colonizadores portugueses provocou um efeito contrário: Zumbi dos Palmares se tornou símbolo de resistência, inspirando o movimento negro até os dias de hoje. O dia da sua morte, 20 de novembro, passou a ser celebrado como o Dia da Consciência Negra.

Se você pudesse homenagear alguém com uma estátua, quem você homenagearia?



É dia de feira! As histórias do *Mercadão de Madureira*

Todos os dias, circulam pelo Mercadão de Madureira dezenas de milhares de pessoas: cariocas e turistas, homens e mulheres, velhos e jovens. Sendo um dos mais antigos mercados ainda em funcionamento na cidade do Rio de Janeiro, o Mercadão possui muitas lojas que passaram de geração a geração.

Mas essa história começa para valer lá no início do século XX, quando surgiu no bairro uma feira livre onde eram vendidos verduras, legumes, ovos, carnes e outros produtos que vinham das fazendas do interior do estado do Rio de Janeiro.

Por volta de 1950, a população da região já era bem maior do que no início do século e o mercado precisava crescer para atender aos moradores. Nessa época, foram construídas diversas lojas no endereço onde o Mercadão está até hoje.

Aos poucos, além de produtos básicos, o mercado passou a vender também produtos de festa, brinquedos, utilidades de casa e decoração, além de artigos de umbanda, candomblé e outras religiões e crenças de matriz africana e afro-diaspórica, ou seja: religiões e crenças trazidas pelos povos africanos e transformadas por seus descendentes desde o

momento em que foram raptados em África para servirem ao projeto colonial europeu como trabalhadores escravizados.

Com o passar do tempo, o Mercadão de Madureira passou a fazer parte da memória do bairro e da região, deixando de ser apenas um espaço de compra de mercadorias e tornando-se um lugar de encontro, cultura e lazer. Foi como se o mercado passasse também a ser um morador do bairro, um morador cheio de histórias. Por tudo isso, em 2012, o Mercadão foi tombado como patrimônio cultural imaterial da cidade do Rio de Janeiro.

Você pode estar se perguntando... mas porque ele é considerado um patrimônio imaterial? Bem, ele é classificado assim – porque não foi tombado o prédio do Mercadão, mas o encontro de diversidades e a relação de comunidade ali criada.

E você? Se pudesse preservar um patrimônio imaterial da sua família, algo que não possa ser guardado no bolso ou em um cofre, o que seria?



Paisagens construídas: *a Floresta da Tijuca*

O Rio de Janeiro possui diversos bens culturais, mas é conhecido também por suas riquezas naturais, sendo inclusive considerado uma das mais belas cidades do mundo. Aqui, os bens produzidos pela humanidade convivem lado a lado com as riquezas naturais: praias, montanhas e florestas. Ao pé do Cristo Redentor, por exemplo, fica o Parque Nacional da Tijuca, um pedaço protegido da Mata Atlântica, onde vivem diversas espécies de animais e vegetais.

A história da Mata Atlântica é longa e remonta aos tempos pré-históricos, associados ao longo período compreendido desde o surgimento dos primeiros seres humanos sobre a Terra até o desenvolvimento das primeiras formas de escrita. Sabe-se que, desde então, a Mata Atlântica passou por muitas transformações, o que favoreceu o surgimento de espécies que não existem em outros lugares do planeta. Antes da chegada dos portugueses, no século XVI, diferentes povos indígenas viviam na Mata Atlântica e exploravam seus recursos de forma harmoniosa, sem causar impactos irreversíveis.

Porém, com a chegada dos colonizadores ao Rio de Janeiro teve início um intenso processo de desmatamento para dar lugar a plantações de café e cana de açúcar. No fim do século XVIII, a Floresta da Tijuca estava quase toda destruída, fazendo com que as fontes de água da cidade começassem a secar.

Por essa razão, em 1861, Dom Pedro II tornou a região uma área protegida, desapropriando fazendas e iniciando o que é considerado o primeiro processo de reflorestamento do mundo. À convite da Coroa Portuguesa, especialistas europeus desembarcaram na então capital brasileira para planejar a nova floresta, bem diferente da que existia anteriormente. Junto às árvores nativas da Mata Atlântica, cresceram também espécies vegetais vindas de longe, como os eucaliptos.

Atualmente, estão sendo realizadas tentativas de reinserir na Floresta da Tijuca animais que viviam ali antes do desmatamento. O primeiro bicho que passou por esse processo foi a cutia, uma exímia jardineira que enterra as sementes depois de se alimentar, colaborando com a floresta. Esse pequeno roedor é tão hábil nessa função que a cutieira, árvore encontrada na Floresta da Tijuca, recebe esse nome em sua homenagem. Além da cutia, já foram reinseridos macacos, cobras, jabutis... E o plano é que essa lista de habitantes da mata cresça, incluindo, por exemplo, o mico-leão-dourado e as araras.

O Parque Nacional da Floresta da Tijuca é um bem natural que sofreu sucessivas intervenções do ser humano, e por isso está carregado de história. Em 1966, ele foi tombado como patrimônio da humanidade.

E você? Que parque ou praça guardaria para contar a história da sua cidade?





Mas peraí... o que é patrimônio?

Patrimônio

*são as riquezas que a gente recebe dos
nossos antepassados.*

*Essas riquezas podem pertencer
a uma pessoa,
a uma escola,
a uma cidade,
a um país*

*e até mesmo
à humanidade*



*Uma árvore,
uma cadeira,
um documento antigo,
um prédio,
uma estátua*

*e outras coisas que a gente
pode pegar fazem parte do*

Patrimônio Material.

*Já um jeito de badalar os sinos da igreja,
uma música de carnaval,
uma lenda ou
uma parlenda*

fazem parte do

Patrimônio Imaterial.



*Se é formado por
prédios,
cemitérios,
igrejas,
quadros,
esculturas,
ferramentas
e outras coisas que o homem
criou, então leva o nome de*

Patrimônio Cultural.



*Mas se é composto por
sítios da natureza e
pelas espécies que vivem neles, então é um*

Patrimônio Natural.

*O patrimônio de uma cidade
é tudo aquilo que a população decide
guardar para contar a história de
seus habitantes.*

*Por isso, é importante
protegê-lo,
ouvi-lo e até...
conversar com ele.*



Muitas instituições trabalham para proteger o patrimônio:

*a **Unesco** protege o patrimônio da humanidade,*

*o **IPHAN** (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico) cuida do patrimônio brasileiro*

e cada cidade possui um órgão que protege o patrimônio municipal.



Mas esses tesouros do passado também são protegidos por cada pessoa que se lembra deles.

E é para isso que criamos este material que você tem nas mãos.

Este é um mapa que traz informações sobre parte do patrimônio da sua cidade.

No livreto, você encontrará informações sobre esses tesouros e atividades que podem tornar a visita a esses pontos muito mais divertida.

Agora é com você

Para fazer este exercício, você pode usar um atlas, o Google Maps ou ainda imprimir o mapa apresentado na próxima página deste material.

Depois de preparar o mapa, siga as instruções ao lado e acrescente suas memórias à cidade.

- 01 – Lugar maneiro!
- 02 – Aqui existe uma mangueira
- 03 – Para pegar uma praia
- 04 – Aqui tem uma comida inesquecível
- 05 – Gostaria de voltar aqui
- 06 – Lugar com muitos cheiros
- 07 – Este lugar me dá medo
- 08 – Seria bom plantar mais árvores aqui
- 09 – Tenho vontade de conhecer
- 10 – Se eu trabalhasse no IPHAN, tombaria este lugar
- 11 – Lugar que faz parte da história da minha família
- 12 – Aqui escuto passarinhos



1. Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro
2. Estátua de João Cândido / Praça XV
3. Teatro Municipal
4. Arcos da Lapa
5. Monumento a Zumbi dos Palmares
6. Floresta da Tijuca
7. Corcovado / Cristo Redentor
8. Pão de Açúcar

Centro Cultural Banco do Brasil

Rua Primeiro de Março, 66 – Centro CEP 20041-001 – Rio de Janeiro (RJ)

Informações (21) 3808-2070 | (21) 3808-2254

Nos termos da Portaria 3.083, de 25/09/2013, do Ministério da Justiça, informamos que o Alvará de funcionamento deste CCBB tem N° 489095, de 03/01/2003 sem vencimento.

ccbb.com.br | ccbbeducativo.com

[f/ccbb.rj](https://www.facebook.com/ccbb.rj) [@ccbb_rj](https://www.instagram.com/ccbb_rj) [@ccbbbrj](https://www.youtube.com/channel/UC...)

L Livre para todos os públicos

Centro de Atendimento BB

4004 0001 ou 0800 729 0001

SAC

0800 729 0722

Deficiente Auditivo ou de Fala

0800 729 0088

Ouvidoria

0800 729 5678

Programa CCBB Educativo Arte & Educação:

Coordenação Geral/Artística

Francisca Caporali

Samantha Moreira

Coordenação de Programação

Mateus Mesquita

Coordenação Pedagógica, Acesso e

Participação

Valquíria Prates

Coordenação de Comunicação

Sarah Matos

Coordenação de Design

Gabriel Figueiredo

Design

Marcio Gabrich

Assistente de Design

Artur Souza

Coordenação Editorial

Daniel Toledo

Produção Executiva

Alexandra Duarte

Ateliê Aberto

Produção

Mariana Takamatsu

Assistente de Produção

Camila Santos

Isabel Falabella

Assistente Financeiro

Gustavo Carvalho

Francescole Oliveira

Assistente de Departamento Pessoal

Eduardo Pereira

Coordenação Técnica

VFBH Produções

Coordenação Pedagógica

Milton Lira (BH)

Pompea Tavares (RJ)

Tatiana Duarte (DF)

Valéria Chagas (SP)

Educadores

Ana Amélia Rossiter (RJ)

Ana Luísa Nunes (SP)

Dariana Resende (DF)

Dyego Machado (BH)

Geancarlos Barbosa (RJ)

Giovanni Fernandes (SP)

Isabelle Santos da Silva (SP)

Jéssica Cruz (BH)

Julya Primo (DF)

Lucas Sertifa (DF)

Pedro Ton (BH)

Phelipe Rezende (RJ)

Thainá Nunes (RJ)

Assessoria Jurídica

Oliveira Lima S.I. Advocacia

Assessoria de Imprensa

A Dois Comunicação (RJ)

Agência Fervo (SP)

Conteúdo Comunicação (DF)

Doizum Comunicações (BH)

Convite à Ativação Patrimônio e Memória

Cauê Donato

Cibele Carvalho

Daniel Toledo

Francisca Caporali

Gabriel Figueiredo

João Andrade

Livia Arnaut

Mateus Mesquita

Pompea Tavares

Samantha Moreira

Tatiana Duarte

Valquíria Prates



Realização

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

